



Não se vão embora depois de os deixar, nem prometem voltar mais tarde. Os pais ficam. Aqui aprende-se a brincar com os filhos. Contam histórias, cantam, atiram bolas e andam de skate. Fazem coisas que ficaram esquecidas na própria infância, quando ainda não estavam espartilhados no mundo dos adultos



## Como se ensinam aos pais as brincadeiras

Os cinco anos do Bernardo não passam despercebidos, saltitantes à frente do pai, a energia à flor dos olhos grandes. O Pedro, mais novo dois anos, veio agarrado à mão da tia Lurdes, a timidez a fazer das suas e a embarçar-se na roupa. Logo depois de entrarem pela porta colorida que antecipa a brincadeira, e dos cumprimentos habituais, percebemos que

o pai e a tia não voltam a passar pela porta. Não prometem voltar ao fim da tarde depois do lanche. Não dizem 'gosto muito de ti', antes de ir embora. Não é preciso, porque os momentos que se seguem vão ser passados em conjunto. O conceito é diferente. As crianças, essas, são iguais a todas as outras.

A t-shirt vermelha amarrotada denuncia que o dia de brincadeira há

muito começou para o Bernardo. Esteve na creche horas antes. O passo de corrida e o sorriso largo espelham a alegria de ter chegado. A monitora Filipa ainda não chamou os 'alunos' para a aula e já o menino descalçou os sapatos e tenta apressar o pai para que o acompanhe na brincadeira. Foram os dois ao Gymboree, um espaço onde pais e filhos brincam em conjunto. O



## Gymboree em 27 países

Hélga Simões, 35 anos, formou-se em Arquitectura, e hoje é a gerente do espaço Gymboree no Parque das Nações, em Lisboa. Diz que foi depois de ser mãe [está grávida do segundo filho] que despertou para a educação infantil. Sobre a empresa que gere com o marido, diz que "orienta os pais a perceber a fase de desenvolvimento em que o filho se encontra, ao mesmo tempo que estimula esse desenvolvimento". Defende que as "aulas" – Gymboree,



de arte, música e fitness para mães e bebés – aumentam a interacção entre pais e filhos e confessa que alguns progenitores vêm mesmo pedir ajuda para perceberem as necessidades educativas das crianças. O programa de aprendizagem Gymboree é desenvolvido actualmente em 27 países do Mundo.

Na imagem principal, Bernardo e o pai, Jaime. À esquerda, ao lado, Pedro acompanhado da mini-tia Filipa e da tia Lurdes Saraiva. Em cima, João Pedro e a ama, Hélga e Pedro Feres com as gémeas Carolina e Leonor e a monitora.



As gémeas Carolina e Leonor, de 16 meses, enredadas a apertar bolinhas de sabão [mas são sabões, feitos de açúcar, pelo que não há nenhum perigo que as crianças as ponham na boca], durante uma actividade do nível 4. Os pais, Pedro e Hélga, ambas professoras, podem participar os dois nas actividades Gymboree porque têm duas filhas no mesmo nível, pois que as regras dizem que apenas um dos pais pode acompanhar a criança. A aula dura 45 minutos e começa e termina com uma canção. O dia de hoje foi dedicado às actividades de baloiçar e relax, com o objectivo de permitir à criança resolver problemas recorrendo à sua capacidade de equilíbrio e orientação espacial.

conceito por detrás da empresa não é novo: nasceu há 30 anos nos EUA, mas só em Março deste ano chegou a Portugal, a Lisboa.

Colorida, a sala está vestida de amarelo, verde, azul, entre tantas outras cores com tanto de infância. Os caracóis dourados do Pedro em breve vão estar desalinados depois de muitas tropelias. Ao peito o autocolante com o nome identifica-o, mas no fim da aula já não vai estar no mesmo lugar. Ali todos se conhecem. Cantam a mesma música. Vêm aprender a brincar. Os pais. Os filhos sabem bem as tropelias da arte em questão.

Hoje, foi a vez de Lurdes Saraiva – "cá dentro sou a tia Lu" – acompanhar o Pedro, porque a gravidez avançada da mãe do menino e o trabalho que exige a clínica que gere não lhe permitiram

vir. A criança de três anos vem duas vezes por semana e foi inscrita pelos pais. Porquê?, perguntamos. "Achámos que em casa o Pedro não tinha espaço para brincar e que acabava por ficar muito preso à rotina da televisão", começa por explicar a tia do menino.

Lurdes vai confessando, sem largar a mão do sobrinho, que quando o acom-

### "AQUI APRENDEMOS outras formas de envolver e cativar as crianças"

LURDES SARAIVA, TIA DO PEDRO

panha "aprende outras formas de o envolver e cativar", em jeito de fórmula certa que também "repetem" em casa. Até porque no final de cada aula é entregue aos "alunos" uma folha com o que aprenderam, e dicas viáveis para

pôr em prática em casa. "As crianças devem estar sempre acompanhadas e aqui estão com as pessoas que mais lhes querem bem", justifica Lurdes enquanto descalça os sapatos e se prepara para a "aventura", começando a trautear as músicas que tão bem já conhece.

Quem os vê correr um atrás do outro, a colocar bolas entre uma e outra bóia colorida – não fosse o tamanho do Jaime Pereira que não consegue enganar –, poderia pensar que pai e filho teriam a mesma idade. Nem sempre é o engenheiro que vem com a criança ao Gymboree – ele e a mãe do Bernardo alternam de acordo com os compromissos profissionais de cada um. "Aqui estamos juntos, eu



► com ele ou a mãe com ele, não é só deixá-lo, como fazemos na creche”, diz Jaime, ao mesmo tempo que o filho o puxa por uma manga com medo que o tempo da brincadeira se esgote. O pai vai recusando a ideia de que precisa que o ensinem a brincar com o filho. “Não estou aqui para aprender, mas eu e a minha mulher gostámos da postu-

## Dos 0 aos 5 anos em sete níveis

Criado para crianças dos 0 aos 5 anos, o método Gymboree foi desenvolvido por pediatras e especialistas na área da pedagogia infantil e divide-se em sete níveis. As gêmeas Leonor e Carlina e o tímido João Pedro pertencem ao nível 4 [entre os 16 e os 22 meses], orientado para a resolução de proble-



ra da empresa e consideramos que é uma boa forma de estarmos com ele, ao mesmo tempo que ele está com crianças da idade dele”, remata.

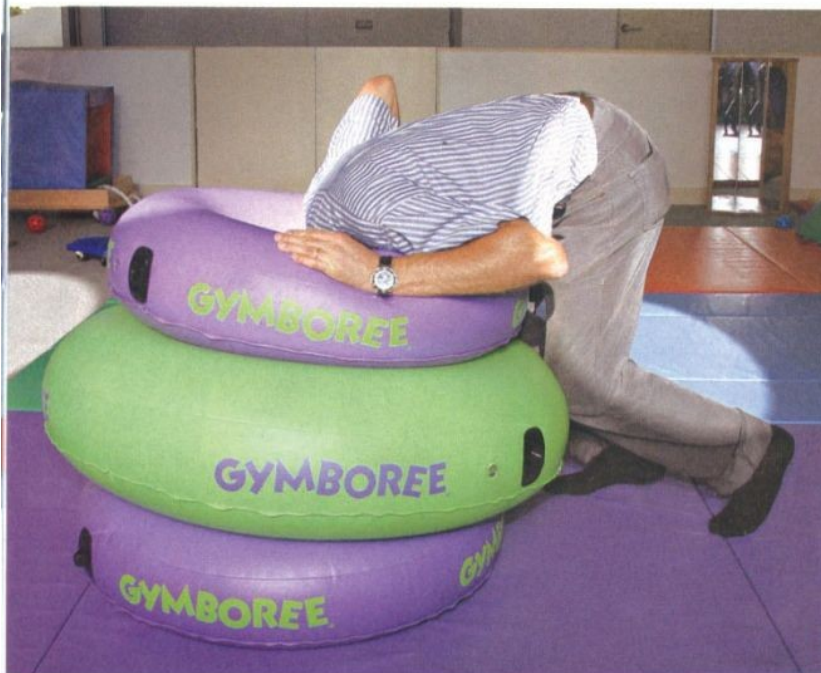
Mais sorte têm as gêmeas Carlina e Leonor, de 16 meses, que como são duas têm direito a ter os dois pais presentes – por norma só uma pessoa

mas de uma forma eficaz. O Pedro e o Bernardo encontram-se no nível 7 [3-5 anos], em que as actividades estão direccionadas para a compreensão dos objectos, das pessoas e do Mundo. Todas as semanas é tratado um tema diferente, igual nos 27 países que adaptaram o programa.



pode acompanhar a criança. Ângela e Pedro Pires vieram brincar com as filhas fora das quatro paredes de casa, porque “elas são muito agitadas”, dizem quase em coro os dois professores de profissão. O que é certo é que depois da primeira ‘aula’ o clã Pires já estava a imaginar as brincadeiras que podia reproduzir em casa: “Assim já sabemos o que fazer com elas, precisam de estímulos diferentes porque estão numa idade importante”, diz a mãe enquanto a Carlina esperneia para evitar o carrinho que partilha com a irmã, e a Leonor tenta arrancar o autocolante com o nome da camisola colorida.

O João Pedro está vestido de azul a combinar com a cor dos olhos tímidos. Não raras vezes opta, na ‘independência’ dos seus 20 meses por se afastar do grupo e observar de longe as tropelias hoje protagonizadas pelas gêmeas em toda a sua agitação. Ninguém o chama, porque no Gymboree as crianças têm total liberdade para circular pelo espaço da brincadeira, desde que a pessoa que os acompanha os siga “à distância de um abraço”. Na aula de hoje foi a ama, Cristina Rodrigues, que brincou com ele ao ‘arco-íris de baloiçar e rolar’ e à ‘ponte rolante’, sempre supervisionados pela monitora Filipa. “Ao fim-de-semana é a mãe que vem com ele”, conta a ama, que revela as motivações dos progenitores. “Os pais acharam que era importante para o João ter outras experiências, já que costuma estar quase



sempre em casa. Aqui aprendemos coisas que podemos fazer fora daqui”.

Na opinião da psicóloga clínica do serviço de pediatria do Hospital de Santa Maria, Sofia Nunes da Silva, “o que falta hoje em dia aos pais é tempo de maior exclusividade para actividades de lazer com os filhos”, pelo que considera que este conceito pode ajudar as famílias que têm horários rígidos “a ter uma hora marcada para brincar com as crianças, em que não há hipótese de adiar”. A especialista defende que “nem todos os pais nascem com a capacidade de brincar com os filhos”, e acha “positivo irem a um sítio onde o podem fazer com orientação desde que isso faça sentido também para os pais”.

No fim da aula a monitora chama para a canção da despedida, mas os meninos estão entretidos com as bolas. “Venham, o ‘comboio’ tem de partir da estação, diz. “Já vou, ‘tá bem comboio? espera”, diz o Pedro, enquanto a tia Lu o olha embevecida. O Bernardo chora, não quer ir embora. |